

# NEGÓCIO CAFÉ

ANO 01 • NÚMERO 00 • MAIO DE 2018

## ÁFRICA: A FRONTEIRA FINAL PARA O CONSUMO DE CAFÉ

### MUNDO

Informações sobre o Quênia, a América Central e a Colômbia na seção Inteligência Competitiva

### HISTÓRIA

O café chegou ao Brasil antes de 1727?

# EXPEDIENTE

NEGÓCIO CAFÉ 00  
MAIO DE 2018

EDITOR

Eduardo Cesar Silva


COLABORADORES

Angélica da Silva Azevedo

Luiz Gonzaga de Castro Junior

Renso Alfredo Aragón Calderón



 (35) 9 9102-2393

 [revistanegociocafe@gmail.com.br](mailto:revistanegociocafe@gmail.com.br)

 [facebook.com/revistanegociocafe](https://facebook.com/revistanegociocafe)



## CARTA AO LEITOR

Negócio Café chega ao mercado com a proposta de oferecer conteúdo especializado em formato 100% digital e gratuito. Ela foi criada para dar continuidade a um trabalho iniciado em 2012 com o “Relatório Internacional de Tendências do Café”.

Nosso objetivo é produzir conteúdo de alta qualidade. Graças ao formato digital, a revista será distribuída gratuitamente por e-mail. Com isso, esperamos impactar positivamente toda a cadeia produtiva do café.

Este é o “número zero” da revista, a nossa “versão beta”. Queremos que vocês nos digam o que acharam do design e do conteúdo para que os ajustes possam ser feitos. A partir do próximo número a sessão de inteligência competitiva será ampliada e teremos artigos escritos por colunistas. Todos os meses traremos uma matéria especial de capa, com informações e análises exclusivas.

Boa leitura!

Eduardo Cesar

# ÍNDICE

---



A África pode ter uma papel importante para o aumento da demanda por café no futuro. Saiba mais na página 10.



Um misterioso relato histórico sugere que o café chegou ao Brasil antes de 1727. Investigamos o assunto na página 06.

## HISTÓRIA..... 06

De acordo com uma teoria, o café teria chegado ao Brasil antes de 1727. É possível?



## INT. COMPETITIVA ..... 09

Informações relevantes sobre Quênia, América Central, Colômbia e Nestlé.



## ESPECIAL..... 11

Analisamos as possibilidades para o futuro do consumo de café na África.



Deixe de perder dinheiro!



A inteligência trabalhando  
a seu favor com a

# AgroRenda

Inteligência em Commodities

[www.agrorenda.com.br](http://www.agrorenda.com.br)

contatoagrorenda@gmail.com



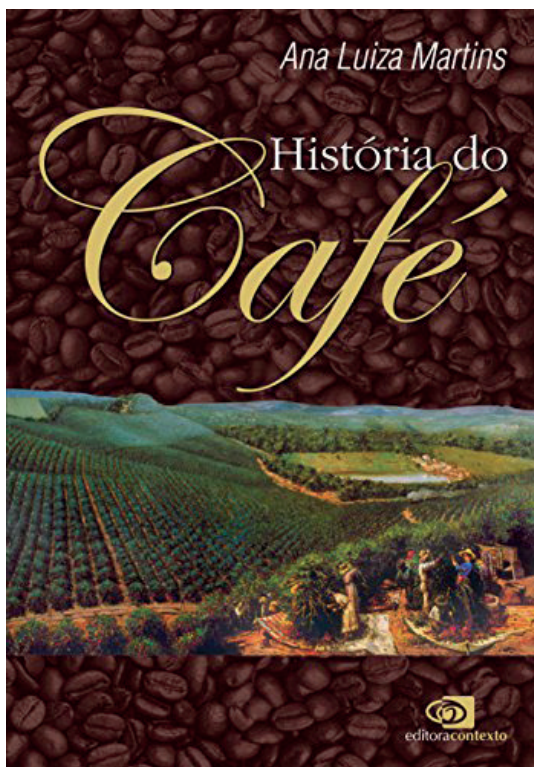
# HISTÓRIA

## O CAFÉ CHEGOU AO BRASIL ANTES DE 1727?

Por Eduardo Cesar

**E** se a história da introdução do café no Brasil, tal como a conhecemos, estiver errada? Quem leu o livro “História do Café” (Editora Contexto, 2008), da historiadora Ana Luiza Martins, provavelmente ficou intrigado com esta passagem:

*“A rigor, o produto [café] já era conhecido no território [nacional], vindo de Portugal, segundo mencionado em 1663 pelo diplomata português Duarte Ribeiro de Macedo, lotado na corte francesa de Luís XI. Em seu ‘Discurso sobre os gêneros de comércio que há no Maranhão’, citava 37 produtos, entre eles o café, acrescentando que sua cultura era pequena e de baixo preço.”*



Segundo Ribeiro de Macedo, já havia produção de café em solo brasileiro 54 anos antes da famosa expedição de Francisco Palheta, realizada em 1727. O documento citado por Martins é, na verdade, de 1673. A informação contida no “Discurso sobre os gêneros...” também é mencionada por Mary Del Priore em “História da Gente Brasileira: Império” (LeYa, 2016) e por Antônio Carlos Moreira em “História do Café no Brasil” (Magma, 2008).

Trata-se de uma informação que poderia mudar tudo o que se sabe a respeito da história do café no Brasil e no mundo. Mas afinal, as informações de Ribeiro de Macedo são confiáveis?

A polêmica em torno do relato do diplomata português é antiga. Nas primeiras décadas do século XX os historiadores Affonso de Taunay e Luís do Amaral ficaram em lados opostos em torno dessa questão. Amaral tentou demonstrar que ele era plausível com muitas suposições, e poucas evidências. Foi criticado por Taunay, que se baseava num conjunto mais robusto de documentos.

Amaral, por exemplo, chegou a usar como argumento os relatos sobre supostos cafeeiros que seriam nativos do Brasil. Na época, algumas pessoas acreditavam que isso era possível, mas hoje está claro que não existem espécies do gênero *Coffea* nativas das Américas. Além disso, as únicas espécies de *Coffea* com uso comercial são originárias da África.

Se o relato de Ribeiro de Macedo não pode ser explicado pela botânica, ainda resta a possibilidade de que as plantas tenham sido trazidas antes da expedição de Palheta.

Os portugueses estabeleceram entrepostos comerciais por todo o globo: na África, na Índia, no Timor Leste, no Japão, entre outros. Eles também mantiveram relações comerciais e diplomáticas com a Etiópia desde a Idade Média. Eles poderiam ter vislumbrado o potencial comercial do café antes dos Holandeses e levado algumas mudas e sementes para as suas colônias.

Deve-se admitir que essa é uma hipótese charmosa, mas ela não é apoiada pelas fontes históricas.

Já em 1856, um dos primeiros historiadores da cafeicultura brasileira, Francisco Freire Allemão, rejeitou a possibilidade de o café ter chegado ao Brasil antes do século XVIII. Allemão estudou as crônicas dos portugueses que estiveram na Etiópia e na Índia antes de 1673 e não encontrou menção ao café. Taunay, por sua vez, apontou que não existem documentos oficiais sobre café no Brasil antes de 1727, o que seria muito estranho caso a cultura já estivesse estabelecida. A própria “missão secreta” de Palheta não faria sentido se já houvesse café brasileiro naquela época.

Por fim, a existência de lavouras de café no Brasil do século XVII é altamente improvável quando se considera a história da propagação da planta pelo mundo. Segundo a World Coffee

Research, o cultivo comercial do café foi exclusividade dos árabes no Iêmen até 1670. Naquele ano, um peregrino indiano chamado Baba Budan conseguiu levar o café para a Índia.

Ele introduziu o café na região de Malabar, que contava com a presença dos Holandeses. E foi a partir da Índia que os Holandeses conseguiram transplantar o cafeeiro para a Indonésia em 1696 e 1699. Se o monopólio dos árabes só foi quebrado em 1670, e pelos Holandeses, que eram rivais dos portugueses no comércio marítimo, é impossível que em 1673 já houvesse produção no Brasil.

Dessa maneira, o relato do ilustre diplomata não deve ser considerado como evidência de café no território brasileiro.

Ribeiro de Macedo merece o crédito de ter sido um dos primeiros a acreditar no potencial agrícola do Brasil. Em suas cartas, buscou demonstrar, com o conhecimento da época, que as especiarias do Oriente também poderiam ser cultivadas no país, criando riqueza para a coroa portuguesa.

Como sugere Taunay, talvez ele tenha sido o primeiro a imaginar que o café poderia ser uma cultura rentável no Brasil. Seu relato seria, na verdade, uma tentativa de convencer as autoridades portuguesas a trazerem o cultivo do café para o país.



A Holanda foi a maior potência naval do mundo durante o século XVII.

Imagem: Navios holandeses em um mar calmo, Willem van de Velde (II), c. 1665.

# ANUNCIE NA NEGÓCIO CAFÉ



Somos uma revista 100% digital, distribuída gratuitamente por e-mail, com foco exclusivo no café.

Anunciando aqui, você mostra a sua marca para um público altamente segmentado de profissionais da cafeicultura e apoia a livre difusão do conhecimento.

**Entre em contato**

**[revistanegociocafe@gmail.com](mailto:revistanegociocafe@gmail.com)**



**NEGÓCIO CAFÉ**



# INTELIGÊNCIA COMPETITIVA

---

Por Equipe Negócio Café

## Produtores do Quênia trocam o café pela macadâmia

Agricultores do Quênia estão trocando o café pela macadâmia, uma noz que é cada vez mais consumida em diversos países. Em 2017, pela primeira vez, a produção de macadâmia superou a de café em volume colhido. Foram 41,6 mil toneladas da noz (com casca) contra 38,6 mil toneladas (643 mil sacas) de café beneficiado.

Os produtores quenianos conhecem a macadâmia desde a década de 1940, quando ela foi introduzida no país. Em algumas regiões ela é cultivada junto ao café, produzindo sombra para o cafeeiro e renda extra para os agricultores.

O Quênia é o terceiro maior produtor mundial de macadâmia. Nos últimos tempos, o mercado está aquecido e os preços no mercado interno estão em alta.

Grupos empresariais com tradição no cultivo de café estão investindo na macadâmia. Eles estão criando parcerias com os pequenos agricultores e construindo usinas para beneficiar a noz. Entre 2013 e 2017 o número de empresas que processam macadâmia saltou de 5 para 27.

Segundo Alfred Busolo, diretor da Agência de Alimentos e Agricultura, em declaração ao *The Business Times*, as autoridades quenianas querem que o setor da macadâmia seja mais livre que o do café. Ele reconhece que as regulações federais contribuíram para o declínio da cafeicultura queniana. A expectativa é que isso não se repita com a macadâmia. Com informações de *The Business Time*.

## Produção de 'Coffea canephora' cresce na América Central

O cultivo de *Coffea canephora* está prestes a ser autorizado na Costa Rica. O ministro da agricultura, Felipe Aráuz, preparou um decreto que permitirá a produção de café robusta em regiões específicas do país. O decreto aguarda a sanção do presidente da república. O zoneamento do *Coffea canephora* será feito pelo Instituto do Café da Costa Rica (ICAFFE).

O país será o terceiro da América Central a cultivar a espécie. Na Nicarágua, o plantio começou em 2013. A área autorizada para o robusta foi ampliada em 2016 e a produção já chegou a 67 mil sacas, com previsão de crescimento.

A Guatemala produz robusta despolpado há tempos, um café que é famoso e tem mercado cativo na Europa. O país também produz robusta natural e planeja aumentar a produção. O objetivo é exportar para o vizinho México, que importa grãos do Brasil e do Vietnã para atender a sua indústria de solúvel.

A Associação Nacional do Café da Guatemala (ANACAFE) espera uma produção de cerca de 160 mil sacas de robusta na safra 2018/2019. A associação acredita que o país pode chegar a 100 mil hectares cultivados com a espécie. Dependendo do nível tecnológico a ser empregado nessas lavouras, a Guatemala poderá produzir de 1 a 2 milhões de sacas de robusta por ano. Com informações de *El Economista*.



## Rede colombiana de cafeterias já tem mais de 300 lojas

A rede de cafeterias Tostao foi criada no final de 2015. Desde então, já abriu mais de 300 lojas, concentradas nas cidades de Medellín e Bogotá. O sucesso é atribuído a dois fatores principais: manter o mesmo padrão das lojas em todas as localidades, sem segmentar de acordo com o nível de renda dos bairros; e oferecer café de boa qualidade a preços competitivos.

A Tostao vende um copo de 350 ml de café por 1.600,00 pesos, cerca de 2 reais na cotação atual. Nas lojas Juan Valdez, um copo pode custar de 3.000,00 a 4.000,00 pesos. Para reduzir os custos e viabilizar o negócio, os donos optaram por entregar as bebidas somente no balcão e servir os alimentos em embalagens de papel, ao invés de utilizar pratos. As lojas Tostao não disponibilizam *wi-fi* para os clientes.



Imagem: Tostao/Divulgação

Algumas pessoas celebram o sucesso da Tostato porque ele contribui para o aumento do consumo de café no país. Por outro lado, alguns criticam o seu modelo de negócios. Um estudo recente feito pela empresa Sinnetic mostrou que redes de desconto, como a Tostao e outras, contribuem para o fechamento de lojas e cafeterias de bairro.

Além do café coado, o menu da Tostao conta com espressos, cappuccinos, bebidas geladas e lanches rápidos. Com informações de El Espectador e Dinero.

## Nestlé vai comercializar café com a marca Starbucks

A Nestlé, maior empresa de alimentos do mundo, pagou 7,15 bilhões de dólares pelo direito de vender os produtos da Starbucks no varejo. O acordo engloba outras marcas de café e chá da rede norte-americana, como Seattle's Best Coffee e Teavana.

Com isso, a Nestlé poderá comercializar pacotes de café torrado e cápsulas das marcas da Starbucks nos supermercados do mundo todo. As cafeterias não fazem parte do negócio.

Segundo informações apresentadas pela IstoÉ Dinheiro, a Nestlé é a quinta colocada em participação no mercado de café dos Estados Unidos, com 4,7%. A Starbucks é a líder, com 13,7%. Com essa operação, a Nestlé poderá fortalecer a sua presença no mercado norte-americano, que é o mais valioso e dinâmico do mundo para café.

A companhia suíça possui marcas fortes de cápsulas (Nespresso e Dolce Gusto) e solúvel (Nescafé), mas não oferece opções para quem gosta de outros métodos de preparo. Nos EUA, o café tipo espresso não é tão popular quanto na Europa. Os consumidores preferem as cápsulas de café "tipo coado" da Keurig.

Com o acordo, a Nestlé poderá fortalecer a sua presença varejo dos EUA de maneira rápida e com uma marca muito conhecida. O negócio também abre uma nova frente de batalha entre a fabricante suíça e as empresas da JAB Holdings, a maior rival da Nestlé na indústria do café.

Nos últimos anos, a JAB comprou muitas empresas de café nos EUA, como Keurig Green Mountain, Peet's Coffee, Krispy Kreme, Stumptown e outras.

A Nestlé está reforçando a sua presença no país desde o ano passado, quando adquiriu a Blue Bottle e a Chamaleon Cold-Brew Coffee. Com informações de IstoÉ Dinheiro.

# ESPECIAL

## ÁFRICA: A FRONTEIRA FINAL PARA O CONSUMO DE CAFÉ

Por Eduardo Cesar

O continente africano é o berço da humanidade. E do café que move boa parte dessa humanidade! Foi naquela região do globo que nossos ancestrais surgiram. Muito tempo depois, os descendentes dos primeiros humanos descobriram uma frutinha vermelha que transformaria o mundo.

Hoje, o café é cultivado em dezenas de países que ocupam a região tropical do planeta e consumido em praticamente todas as nações. A quantidade de café que cada país consome varia muito. Onde a bebida é mais difundida, o consumo per capita passa de 3

quilos, em equivalente de grão verde. Em outros lugares, não passa de alguns gramas.

Estados Unidos, Brasil e União Europeia estão no grupo dos grandes consumidores. Indonésia, Vietnã, China e Índia são alguns dos principais mercados emergentes. O consumo ainda é baixo neles, mas cresce rapidamente, animando os cafeicultores e os executivos da indústria. Muita esperança tem sido depositada China, com sua imensa população e acelerado crescimento econômico. Depois de conquistar os consumidores asiáticos, restará uma última fronteira para a indústria do café: o lugar onde tudo começou.



Desenvolvimento econômico e estabilidade política poderão abrir caminho para que os jovens africanos de hoje sejam consumidores de café dentro de alguns anos. Imagem: Seth Doyle/Unsplash.

## A África e o café

A África deu o café ao mundo, mas a cafeicultura do continente não se desenvolveu tanto quanto na América e, mais recentemente, na Ásia. Durante muito tempo os agricultores africanos não se interessaram pelo cultivo comercial do café. Os governantes da Etiópia só começaram a se interessar pela exportação do grão no final do século XIX. Em outros países, governados pelos europeus, os pequenos agricultores foram marginalizados, e até proibidos de plantar café.

No decorrer do século XX, o interesse dos europeus pelo cultivo de café na África cresceu. Foram feitos investimentos significativos na ampliação das lavouras. A tendência se intensificou após a Segunda Guerra Mundial e logo os países africanos estavam entre os maiores concorrentes do Brasil. A maioria dos países obteve a independência no início da década de 1960, algo que não afetou as exportações, mas abriu caminho para os pequenos cafeicultores.

*“O consumo de café sempre foi pequeno na África”.*

O auge da cafeicultura africana foi entre as décadas de 1970 e 1980. Com o fim do último Acordo Internacional do Café, em 1989, e a liberalização do mercado, a produção de muitos países começou a cair. Além da queda nos preços, uma série de “regulações predatórias” criadas pelos governos locais contribuiu para isso. Guerras e instabilidade política também provocaram o abandono de muitas lavouras. Atualmente, há sinais de recuperação em alguns países. Os desafios são grandes, mas pode ser que o café africano volte a ser competitivo no mercado internacional.

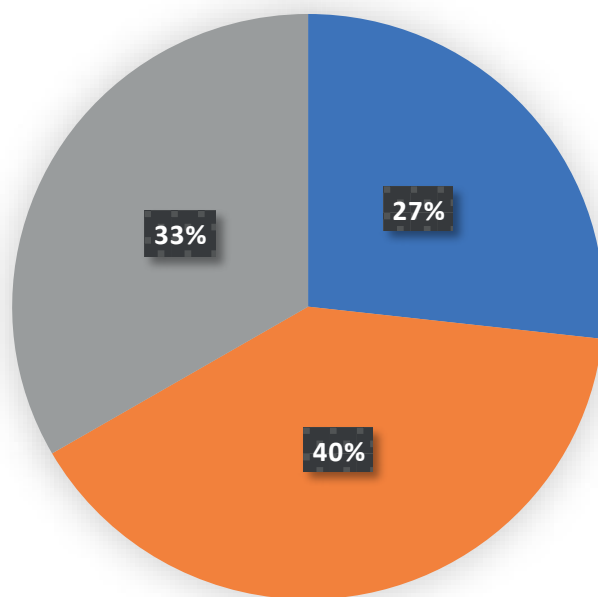
O consumo de café sempre foi pequeno na África. Fatores históricos, culturais e econômicos podem ter contribuído para isso. O continente é o mais pobre do mundo. Guerra, violência, regimes autoritários e corrupção são empecilhos ao desenvolvimento do continente. Poucos anos atrás, a maioria dos africanos vivia abaixo da linha da pobreza. Comprar café numa situação dessas certamente não é uma

possibilidade. Nos últimos anos, vários países conseguiram crescer, mas o consumo de café ainda é baixo.

De acordo com o USDA, o consumo de café na África aumentou de 6,0 para 8,1 milhões de sacas entre 2002/2003 e 2016/2017, um crescimento de 33,5%. No mundo, o aumento foi de 37,3%. Aparentemente, o crescimento africano não foi ruim, certo? Mas um olhar atento sobre os números mostra um cenário pessimista.

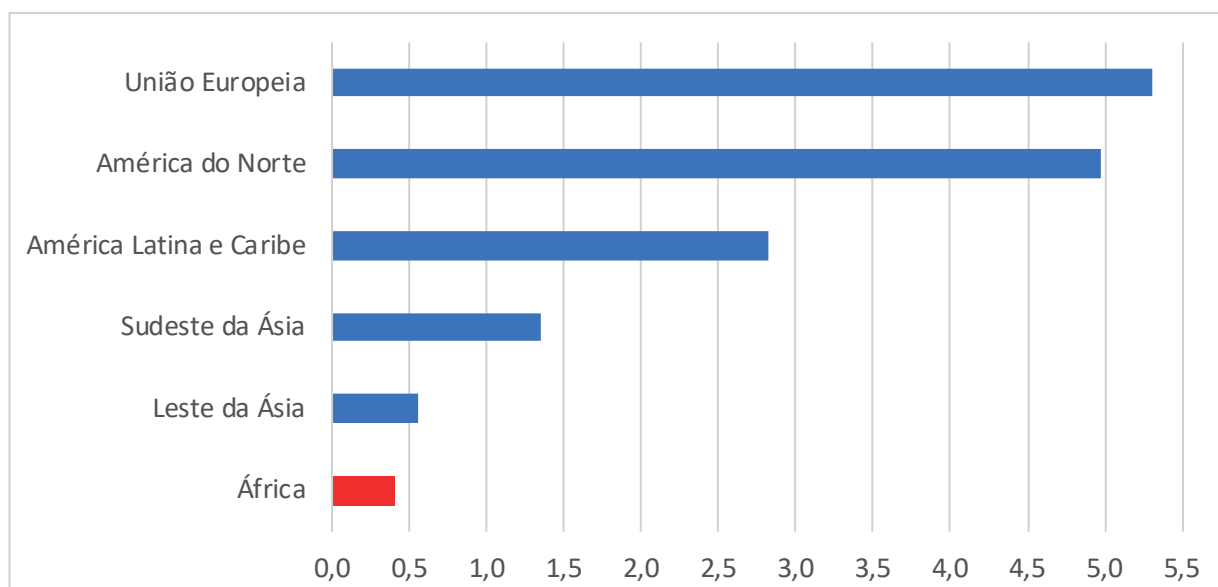
Ocorreu um grande aumento na população africana no mesmo período. Com isso, o consumo per capita ficou estagnado em 0,4 quilo por pessoa nos últimos 13 anos. Em comparação, a média da América Latina e do Caribe foi de 2,8 quilos em 2016/2017. O consumo chegou a 1,6 no Leste da Ásia e 0,6 no Sul da Ásia.

Outro problema é que o consumo do continente está concentrado em apenas dois países, Etiópia e Argélia. Em 2016/2017, 40% do consumo africano ocorreu na Etiópia, enquanto outros 27% foram na Argélia. Se tirarmos esses países da conta, o per capita do restante do continente é de apenas 0,1 quilo. Ou seja, beber café é algo desconhecido para a maioria dos africanos.



■ Argélia ■ Etiópia ■ Outros (52 países)

Distribuição do consumo de café pelo continente africano em 2016/2017. Dados: USDA.



Consumo per capita de café em algumas regiões do mundo, em quilos de café verde. Dados: USDA e Banco Mundial. Nota: O México foi incluído em América Latina e Caribe.

## Oportunidades e desafios

As projeções apontam para 2,5 bilhões de africanos em 2050, um crescimento populacional de mais de 100% sobre o número atual. Em um cenário otimista, haverá uma demanda enorme para todos os setores da economia. A indústria de alimentos e bebidas terá que ampliar sua capacidade produtiva para atender todo este contingente. O café poderá ser um dos produtos mais beneficiados.

Se o consumo per capita do continente (Etiópia e Argélia inclusas) subir para 1 quilo até lá, a demanda total da região será de 41,7 milhões de sacas, incremento de 33 milhões sobre os números atuais. Se o crescimento for menor e o consumo chegar a 0,7, a demanda total será de 29,2 milhões de sacas.

São possibilidades animadoras para a cafeicultura mundial. Como viabilizar que o melhor cenário se concretize?

Em primeiro lugar, as nações africanas precisam continuar na trajetória do crescimento econômico. Elas devem oferecer um ambiente de negócios atraente e seguro para empresários e agricultores, combater a violência e a corrupção, e consolidar a democracia.

Alguns países alcançaram boas taxas de crescimento econômico nos últimos anos. O crescimento se dá a partir de um nível de riqueza muito baixo, mas já foi o suficiente para

tirar milhões de pessoas da pobreza extrema. Também é possível constatar que a democracia está cada vez mais difundida na região. Muitas das ditaduras instauradas após a independência já foram substituídas por governos democráticos.

O desenvolvimento econômico da África poderá ser um dos acontecimentos mais importantes do século XXI. Com o aumento da urbanização e da renda, haverá uma demanda muito grande por alimentos, dos mais básicos aos mais sofisticados. Mais da metade da população africana em 2050 será formada por pessoas com menos de 35 anos. As próximas décadas serão cruciais para a formação de novos hábitos de consumo na região. Será uma grande oportunidade para a indústria do café.

## Os pioneiros

As primeiras redes de cafeterias africanas foram criadas há alguns anos. São empreendimentos pioneiros, que vislumbraram a oportunidade de vender café numa região pouco acostumada com a bebida. Uma delas já tem dezenas de lojas, outra possui estabelecimentos nos EUA. Veja na próxima página algumas dessas empresas que estão construindo o mercado de cafés especiais na África.

## Java House

Criada em 1999, essa empresa queniana foi uma das pioneiras no segmento de cafeterias do país. Além do café, a Java House oferece opções de alimentos para o café da manhã, almoço e jantar. A rede já conta com 49 lojas no Quênia, sendo 40 em Nairóbi, a capital do país. No exterior, são 6 estabelecimentos em Uganda e 1 em Ruanda.

## Cafe Javas

Rede ugandense de restaurantes que oferece um menu de cafés especiais preparados por baristas. A Café Javas pertence ao Grupo Mandela, dono de outras empresas de alimentação na África. Atualmente, possui 7 lojas em Kampala, a capital de Uganda, uma no interior do país e outra em Nairóbi.

## Cafe Neo

A Cafe Neo é uma rede criada na Nigéria, em 2012. Sua proposta é oferecer café especial africano para o consumidor africano. Todos os grãos utilizados são obtidos em Ruanda. Atualmente, conta com 7 lojas na capital, Lagos.

## Bourbon Coffee

Inaugurada em Ruanda no ano de 2007, a Bourbon Coffee prepara seus cafés a partir dos grãos das cinco regiões produtoras do país. Eles são comprados diretamente dos cafeicultores ou das cooperativas. Todos os lotes possuem rastreabilidade. A rede conta com 5 lojas em Ruanda e 5 nos Estados Unidos.

## vida e caffè

Com sede na Cidade do Cabo, África do Sul, vida e caffè é uma rede inspirada nos cafés de rua de Portugal. Sua logomarca remete ao brasão português e o menu usa palavras do idioma luso. O blend da casa, por exemplo, se chama “Estrela” e é feito com 100% de grãos arábicos provenientes da América do Sul. A rede também utiliza grãos da América Central e da África.

Ao final de 2016, a vida e caffè tinha mais de 200 lojas na África do Sul, das quais 136 estavam dentro de postos de gasolina e lojas de conveniência. Havia também 15 lojas em outros países africanos.



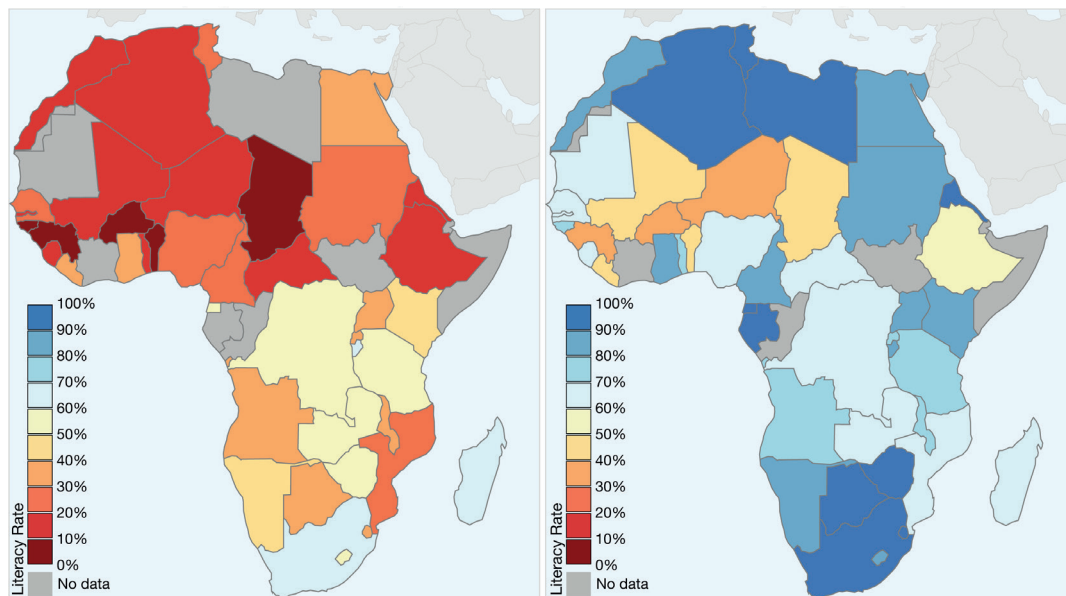
Lojas vida e caffè na Cidade do Cabo, África do Sul. Créditos: Discott/WikiMedia Commons (CC BY-SA 4.0).

# O DESENVOLVIMENTO AFRICANO EM GRÁFICOS

## Taxa de pessoas alfabetizadas por geração

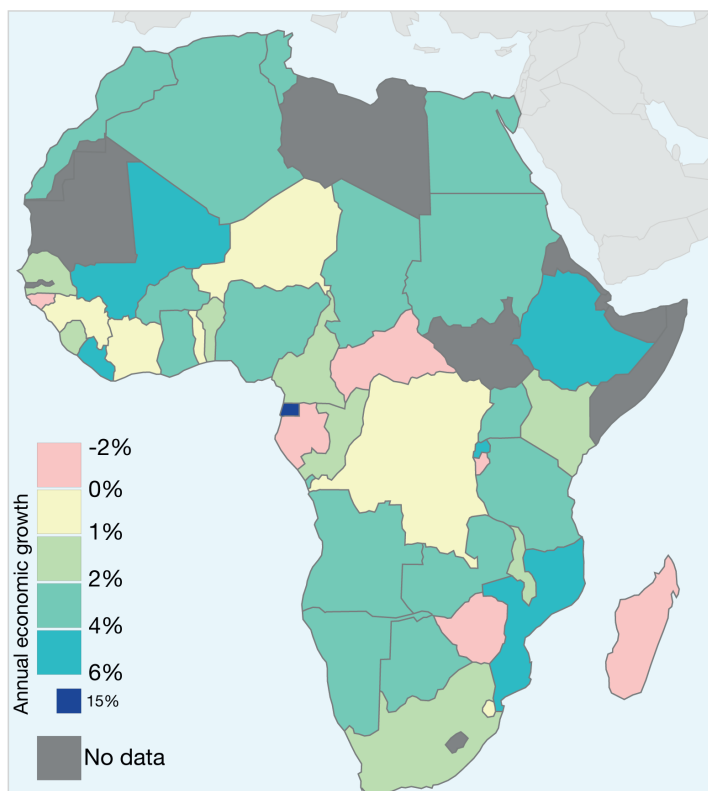
Alfabetização da geração mais velha  
(65 anos ou mais)

Alfabetização da geração mais jovem  
(15-24 anos)



Fonte: Elaborado por Max Roser, a partir de dados da UNESCO, para AfricaInData.org  
Licença CC-BY-SA.

## Crescimento econômico entre 1995 e 2015



Crescimento do PIB per capita (dólares constantes, descontada a inflação).

Fonte: Elaborado por Max Roser a partir de dados do Banco Mundial para AfricaInData.org  
Licença CC-BY-SA.



# NEGÓCIO CAFÉ

[revistanegociocafe@gmail.com](mailto:revistanegociocafe@gmail.com)